



Deslizamento de sentidos por efeito metafórico: o discurso de uma fotografia
(Displacement of sense done by a metaphoric effect: the discourse of a photograph)

Luciana Leão Brasil*

Resumo

Neste artigo, colocamos uma discussão a propósito do discurso não-verbal. O discurso da fotografia de uma mulher negra, escrava que viveu no século XIX na cidade de Baependi (MG). Francisca de Paula de Jesus Isabel, a Nhá Chica, é considerada santa por seus devotos. Através de uma fotografia de Francisca, investigaremos o conceito de efeito metafórico formulado por Michel Pêcheux (1988), um dos fundadores da análise de discurso, cuja opacidade da linguagem é um pilar fundamental para essa teoria. **Palavras-chave:** Discurso Não-Verbal; Efeito Metafórico; Fotografia; Nhá Chica.

Abstract

In this paper, putting a discussion on the visual discourse. Speaking of the photograph of a black woman, a slave who lived in nineteenth-century in Baependi city (MG). Francisca de Paula de Jesus Isabel, the Nhá Chica, she is considered holy by the devotees. Through a photograph of Francisca, we investigated the concept of metaphoric effect formulated by Pêcheux (1988), one of the founders of discourse analysis, whose opacity of language is a fundamental pillar of this theory.

Keywords: Discourse; Metaphoric Effect; Photograph; Nhá Chica.

* A autora é mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), pesquisadora colaboradora da mesma universidade e docente de língua portuguesa na Escola Estadual Barão do Rio Branco. Endereço postal: Vila Mestre Sebastião Ernesto Coelho S/N. Imbel. Itajubá/MG. Cep 37.501-348. (35) 3623-7155. E-mail: leaobrasil@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, inspirados pelos estudos, sobre o discurso não-verbal¹, de Eni Orlandi², propomos uma reflexão sobre a fotografia, mais especificamente sobre uma fotografia de 1894. Tomando a perspectiva teórica da análise de discurso de linha francesa, procuraremos compreender, segundo Orlandi (2010), “a imagem como discurso”. A autora nos diz que a imagem carrega o deslocamento de sentidos, tem pontos de deriva, incide em outros discursos. Dessa maneira funciona com o verbal na construção da memória discursiva (a memória do dizer).

Partindo dessa conceituação proposta por Orlandi, nos debruçaremos sobre o estudo da fotografia como materialidade significativa. Observar o discurso, na opacidade do não-verbal, através da fotografia, faz com que segundo Pêcheux, em *O Papel da Memória*, o tema da imagem seja revisto:

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (2007, p.55)

A partir da análise de uma fotografia, pretendemos trazer contribuições para o campo da pesquisa da linguagem, já que é certo que, por meio do não-verbal uma sociedade produz um discurso visual sobre si e sobre o redor, assim tomamos as palavras de Sahlins em *Ilhas de História*:

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são revalidados quando realizados na prática. (1987, p.07)

Antes de iniciarmos a análise, cujo conceito discursivo abordado por nosso estudo é o de efeito metafórico, falaremos a propósito do discurso não-verbal que pode manifestar-se sob diversas formas.

¹ O não-verbal constitui-se de diversas formas discursivas, esclarecemos, no entanto, que a forma de que nos ocupamos nessa pesquisa é a fotografia.

² Professora no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, Coordenadora do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) – Unicamp e Coordenadora do mestrado em Ciências da Linguagem na Univás (MG).

Há um ponto pacífico em relação à mitificação entre verbal e não-verbal em campos diversos de estudo: o sentido literal tanto de um como de outro. As mesmas visadas ilusórias de sentidos do mito da transparência são transportadas do verbal para o não-verbal. Esse fato aparece nas concepções dos menos avisados e, de acordo com essas concepções, o verbal subordina o não-verbal. De que maneira? Demonstrando, por exemplo, que só há sentido no linguístico.

O estudo de distintas materialidades significantes, nos departamentos de estudos linguísticos dos Institutos de Letras de nosso território, tem produzido, com pesquisas bastante consistentes da análise de discurso, trabalhos largamente representativos para a análise do não-verbal. Nossa linha de pesquisa vale-se do termo composto, “não-verbal”, para assegurá-lo cada vez mais como parte integrante dos estudos discursivos. Isto posto vale ressaltar que o objeto da análise de discurso é o discurso. Mas surge então, e isso é frutífero para qualquer teoria de respeito, a consideração a outras materialidades de estudo que não as verbais. Foi o que pensamos ao nos depararmos com a fotografia de Francisca de Paula de Jesus Isabel, a Nhá Chica.

A análise de discurso, ao considerar as distintas materialidades significantes, não as estigmatiza, mas, muito pelo contrário, delimita suas especificidades ao compreender os seus mais diferentes funcionamentos:

Há uma necessidade do sentido, em sua materialidade, que só significa, por exemplo, na música, ou na pintura etc. Não se é pintor, músico, literato, indiferentemente. São diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem. (ORLANDI, 1995, p.39)

A citação acima é de um artigo publicado na Revista Rua, *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. Nele, Eni Orlandi nos fala dos paradigmas que colocam o verbal como precedente ao não-verbal. Isso então sustenta mitos como a linguagem como transmissão de informação/comunicação, ou seja, a linguagem enquanto sociabilidade; a autoridade da ciência e a soberania da interpretação verbal.

Segundo a autora, o não-verbal tem uma “consistência significativa”, o sentido tem uma matéria própria (1995, p.39) e tal propriedade faz toda diferença na análise. O sentido necessita de uma matéria própria para significar. Não há como as diferentes materialidades significantes produzirem os mesmos efeitos. Pois cada materialidade significa de uma maneira que lhe é peculiar. Há determinações da materialidade

simbólica. Não é uma questão de “tradução” para o verbal, pois, segundo Orlandi, “as várias linguagens são uma necessidade histórica” (1995, p.40).

O estudo dessa linguagem possibilita o convívio com dispositivos teóricos das mais distintas áreas. Surgindo com essa aliança, deslocamentos, novas significações, e críticas, por que não? Conversas teóricas em diferentes patamares, terrenos moventes da criticidade que envolvem toda teoria, o inerente ao caminhar dos campos de estudos que não se intitulam ultrapassados, que se desterritorializam. Aliás, ultrapassar, passar à frente, ir além.

Segundo Tânia Clemente de Souza (2001), o estudo do não-verbal como uma mera “descrição formal”, nas palavras da autora, acaba por não considerar a materialidade significativa da imagem em um universo discursivo, pois seus usos são ignorados, bem como seus gestos de interpretação, ocorre o silenciamento destes e sua historicidade é apagada. Isso acontece ao se proceder a um trabalho de segmentação da imagem. O verbal diz a imagem, mas não desvenda sua matéria visual.

Souza afirma que a palavra não se configura em uma relação intercambiável com o não-verbal, já que é a visibilidade que autoriza a forma material do não-verbal e não sua relação mútua com o verbal, uma vez que estes, isentos de uma correlação, não desconsideram a leitura da imagem. Pois, segundo a autora, a representatividade, assegurada pela referencialidade, garante a possibilidade de leitura da imagem e ratifica a sua condição de linguagem³. Ao se interpretar a imagem de uma posição-sujeito⁴ constituída toma-se a sua matéria significante. Advêm desses gestos de interpretação o engendrar de outras imagens, sinalizando para a incompletude constitutiva tanto da linguagem verbal quanto da não-verbal:

O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal: quanto mais se segmenta a língua, menos ela significa. Daí, não fazer sentido, numa abordagem discursiva, pensar a imagem, circunscrita numa moldura, como um todo coerente. Nem tampouco pensá-la como um "meio privilegiado das intenções comunicativas" (SOUZA, 2001, p.65)

³ Considerações presentes no artigo de SOUZA, T. C. *A análise do não-verbal e os usos da imagem no meio de comunicação*, Ciberlegenda, Número 6, 2001.

⁴ O sujeito do discurso traz para a cena um grupo de representações e impressões pessoais a respeito de si mesmo, de outrem (interlocutor) e do tema abordado. A posição-sujeito resulta da projeção da sua situação no discurso através de formações imaginárias e é assim que ocupa seu espaço no processo discursivo. O sujeito não é uno, mas se constitui em posições-sujeito, diferentes conforme as formações discursivas em que o sujeito se inscreve. Faz parte do descentramento do sujeito falar-se em posições-sujeito.

A incompletude aponta para a abertura do simbólico, já que a falta é também o lugar do possível, conforme Orlandi (2007a). Esse fato possibilita a ruptura, mostrando que o sentido pode ser outro. Para Pêcheux (1988), todo o discurso é suscetível a tornar-se outro.

A interpretação da imagem ocorre por efeitos de sentidos decorrentes do gesto, do não-verbal e da tomada em consideração das formações sociais onde se encontram inscritos os sujeitos do discurso não-verbal, sem esquecer, é claro, do ponto de vista ideológico. O estudo do não-verbal enquanto discurso nos possibilita a compreensão do funcionamento dos discursos sobre a imagem.

No próximo item falaremos de alguns dados referentes à Nhá Chica, importantes para a compreensão de sentidos produzidos pela fotografia.

Um breve histórico de Francisca de Paula de Jesus Isabel

Francisca de Paula de Jesus Isabel, a Nhá Chica, como é chamada por seus devotos, foi uma mulher, negra, que viveu no século XIX, no Sul de Minas Gerais. Sua existência transcorreu quando da escravidão do negro no Brasil.

Nhá Chica nasceu no Povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, lugarejo situado à margem direita do Ribeirão das Mortes, distrito de São João Del Rei. A designação Rio das Mortes atribui-se às numerosas mortes ocasionadas pela Guerra dos Emboabas (de 1707 a 1709), nas margens do referido rio.

O nascimento de Nhá Chica data de 1808, seu batismo, 1810 e, sua morte, 1895.

Francisca era filha de Izabel Maria, cuja mãe se chamava Rosa Benguela, solteira, escrava do fazendeiro Costódeo Ferreira Braga.

No batistério de Francisca, não consta o nome paterno. O pai pode tanto ter sido um escravo da fazenda quanto algum dono de terras.

A candidata à beatificação nasceu na fazenda de nome Porteira dos Villelas, localizada em Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Nhá Chica foi declarada escrava, uma vez que era tanto neta quanto filha de escravas.

Nhá Chica, ainda infante, mudou-se com a família para a cidade de Baependi, onde permaneceu até sua morte. Sua família era composta por um irmão, de nome Theotônio Pereira do Amaral, conforme entrevista dada por Francisca a Henrique Monat, em 1894, informações encontradas no livro intitulado *Caxambu*.

Aos dez anos de idade, Francisca e Theotonio tornaram-se órfãos. Nhá Chica tinha, a essa época, então, dez anos.

Não foi possível também saber por que o irmão tinha o sobrenome “Pereira do Amaral” enquanto a serva de Deus, o de “Paula de Jesus”, seria Theotonio filho de alguém da família “Amaral” do Rio das Mortes? Família que era e é importante naquela localidade. Temos certeza, pelos Testamentos, que tanto a serva de Deus como Theotonio eram filhos da mesma mãe Izabel Maria, filhos naturais de pais diferentes. Inclusive, no Testamento de Theotonio, consta que ele tinha uma irmã, Maria Joaquina, que forçosamente seria filha do mesmo pai, mas de outra mãe. Não podemos esquecer que era época de escravidão. (CADORIN et NICOLIELLO, 2004, p.29)

Theotonio Pereira do Amaral foi figura ilustre em Baependi, constituindo fortuna a qual deixou em testamento para Francisca de Paula. O irmão de Nhá Chica foi homem bastante influente na cidade, atuante tanto na vida política quanto religiosa de Baependi.

Com o dinheiro obtido pela herança advinda do irmão, Nhá Chica presenteou o Altar-Mor da Igreja da Matriz Nossa Senhora de Montserrat com o douramento do mesmo.

A Serva de Deus, como é conhecida, era analfabeta, escrava e pobre por escolha. Recusou-se a viver com condições na companhia do irmão, preferindo os votos de pobreza e seguindo o conselho dado pela mãe antes de morrer: vida solitária, para praticar a caridade e o cristianismo. Nhá Chica cumpre essa missão e se declara “pobre e analfabeta”.

Francisca de Paula de Jesus Isabel era reconhecidamente devota fervorosa de Nossa Senhora da Conceição. Quanto ao restante da fortuna serviu para empreender um antigo sonho: iniciar a construção da Capela da Imaculada Conceição. Ainda jovem transformou-se em mãe dos pobres.

Francisca era procurada para dar conselhos a muitos: doutores, políticos, deputados e conselheiros do Império, etc. Ainda em vida já era consagrada a santa de Baependi e também reconhecida por seus milagres.

Em 8 de junho de 2010, Francisca de Paula de Jesus Isabel é considerada “Venerável” pelo Vaticano, segundo informações do site www.movimentonhachica.com.br. O título de “Venerável” é devido a suas virtudes heróicas e sua vida de santidade.

Em 1991, Nhá Chica recebeu da Congregação das Causas dos Santos do Vaticano o título de Serva de Deus. Atualmente o processo de beatificação de Francisca de Paula de Jesus Isabel tramita no Vaticano.

Em 2010 foi lançado um selo comemorativo de Nhá Chica, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT) em alusão aos seus 200 anos de batismo. Percebemos, na leitura *batismo*, um *efeito de sobreposição* da data de batismo à data de nascimento.

Nhá Chica foi testemunha das transformações ocorridas ao longo do século XIX. Aquele século foi profundamente marcado, muito embora a cidade de Baependi estivesse localizada no interior do Brasil, tais mudanças atingiram a vila. Como fatos históricos, temos: a Proclamação da República, em 1889, e ela viveu alguns anos sob a experiência do regime republicano no Brasil (já que morreu em 1895).

Os anos em que viveu Francisca de Paula de Jesus foram marcados por uma difusão de idéias e valores dentre os quais o conceito de progresso, modernidade, crescimento econômico.

A vida dos negros foi árdua ao longo dessas transformações; os filhos dos negros eram tratados como pequenos adultos e aos sete anos as crianças já dominavam um ofício aprendido na convivência com os adultos. Para Araújo (2005):

Baependi faz parte do Sul de Minas Gerais, região fronteira com São Paulo e Rio de Janeiro, que se estendia até o termo da Vila São João Del Rei, caminho de tropas que abasteciam a Corte e de diversos viajantes estrangeiros que para esta região vieram no século XIX. Constituiu-se como uma das três vilas mais antigas da região, junto com Aiuruoca e Campanha, pertencentes à Comarca do Rio das Mortes até 1833. (p.26)

Ao contemplarmos a figura da fotografia de Nhá Chica, como veremos, podemos pensar a beata, também, como uma figura de resistência frente às agruras do tempo em que viveu. Ela dá força contra o *status quo*. Sua crença inabalável em Nossa Senhora da Conceição, essa fé encarnada na Virgem que a tantos inspirou.

Nhá Chica mostrou sua resistência a seu modo, com sua religiosidade, sua fé acima de tudo. Não se apassivou diante das situações de seu tempo. Segundo Lagazzi (1988): “A resistência é a batalha do sujeito pelo direito de se colocar, de não aceitar a coerção, é a batalha ‘por um lugar no qual o sujeito se encontre um poder de dizer’, com ou sem respaldo da hierarquia”. (p.97)

Assim, a batalha a que se refere Lagazzi foi vivida por Francisca de Paula de Jesus Isabel, sua trajetória foi marcada por sua história, pelo seu discurso, o discurso da fé, pelo discurso de Nossa Senhora. Ainda retomando Lagazzi, Nhá Chica falou de um lugar cujo poder possivelmente a teria levado à submissão, mas sua resistência brigou pelo poder de dizer não (p.98).

A fotografia de Nhá Chica



Fotografia de Nhá Chica – 1894, encontrada no livro *Caxambu, 1894*, de Henrique Monat.

A fotografia acima foi tirada dentro da capela de Nossa Senhora da Conceição⁵. Ao fundo percebemos a escada que dava acesso à parte superior, o coro da capela, quando da entrevista de Nhá Chica, concedida ao hidrologista Henrique Monat, na cidade mineira de Baependi.

Francisca está sentada em uma cadeira cujo desenho deixa visível a simplicidade. Quando da realização da fotografia já contava mais de oitenta anos. Sua figura é impactante, sua presença em imagem-discurso, não-verbal, é marcante. A figura de Nhá Chica produz discursos.

⁵ A capela construída por Francisca de Paula de Jesus Isabel, hoje dá lugar ao santuário de Nossa Senhora da Conceição.

A imagem de Nhá Chica sintetiza e serve para mostrar enunciados possíveis, representados por uma família parafrástica, já que a paráfrase na análise de discurso constitui-se de uma reformulação a partir de uma substituição. Essa tese é assegurada pelos estudos dos esquecimentos pêcheutianos que afirmam que os enunciados que o sujeito produz não são inaugurais. Tese ligada ao esquecimento de número 2: a ilusão do sujeito que presume que o que ele enuncia tem apenas um sentido, esse processo é pré-consciente.

Na fotografia de Nhá Chica acontecem deslizamentos de sentido pelo *efeito metafórico* produzido por uma substituição de uma palavra por outra. Para Pêcheux (AAD 69), *efeito metafórico* é um *efeito semântico* que se produz numa substituição contextual, o que acontece então é um deslizamento de sentido entre x e y. A distância é constitutiva tanto do sentido que é produzido por x como por y. Como sabemos em análise de discurso a metáfora não funciona como comparação ou substituição. A metáfora em análise de discurso funciona como transferência que se produz num processo intermitente entre deslizamentos de sentidos:

Como esse efeito é característico das línguas naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, podemos considerar que não há sentido sem essa possibilidade de deslize, e, pois, sem interpretação. O que nos leva a colocar a interpretação como constitutiva da própria língua (natural). (ORLANDI, 2007, p.80)

O vigor de Nhá Chica é mostrado na fotografia, na construção da família parafrástica, quando segura com firmeza sua sombrinha que por *efeito metafórico* nos faz pensar em um cajado com o qual conduz suas ovelhas.

Na figura de uma pastora, pastoreia seus discípulos. Guia com firmeza o povo de Deus. A boa pastora que se apresenta a si mesma como um exemplo a ser seguido. O não-verbal como deriva, com deslocamento de sentidos pela relação de parafraseagem.

Percebemos no não-verbal “uma andarilha pobre”. Suas vestes fomentam seu misticismo: o lenço à cabeça como um sinal de pureza, como um manto, uma remissão à Virgem Maria, uma identificação com Maria, uma sobreposição de Maria em Nhá Chica.

Podemos pensar, também, na sombrinha enquanto cetro, símbolo de autoridade, de poder, de governo, de direção sobre seus discípulos, sobre seu povo, e indo além temos um sentido “mágico” no tipo de Nhá Chica, pois conforme estudos anteriores

sobre essa figura, averiguamos que há marcas de que Nhá Chica operou curas e fez profecias.

A sombrinha, enquanto báculo, traz um sentido que remete Nhá Chica a seu contato estreito com a Igreja Baependiana. O báculo serve para reunir fiéis, para defendê-los de ameaças. Este sentido é posto em suspenso, pois somente ordenados podem portá-lo, mas o *efeito metafórico* pode “autorizar” uma possibilidade, uma marca simbólica do sujeito. Com sua sombrinha, Nhá Chica desloca-se pela ambiência da cidade.

A fotografia de Nhá Chica revela o dualismo do escuro. Este que indica ausência de luminosidade, um único tom, mas por se tratar de uma figura cultuada como santa o sentido desliza.

Ao observarmos analiticamente a figura do não-verbal divisamos nesta a claridade na sombra, como se percebêssemos a transparência na opacidade do escuro.

A produção do não-verbal, na fotografia, envolve um fazer em que uma composição e uma perspectiva relacionam sentidos. Coloca-se assim, no espaço destinado à fotografia, o congelamento de uma possibilidade. Anexa-se o que compõe ao como compõe. O que a fotografia capta é um recorte do tempo de uma realidade dada para a sua não-verbalização, onde naquele instante o momento é único.

Os componentes da fotografia, rosto, objetos, vestes, espaço sagrado, mostram que os sentidos dessa circunstância produzida imageticamente estão inscritos na história e assim significam. Segurar o tempo em uma fotografia e depois deixá-lo fluir no descongelamento indica a construção discursiva dos referentes que estão na imagem.

Os mesmos não estão circunscritos a uma ocasião, como uma evidência ideológica de quem clica. Há formações imaginárias em ocorrência. O não-verbal, a exemplo do verbal, funciona com um caráter fortemente ideológico, como diz Orlandi.

A compreensão polissêmica estende-se também para o não-verbal. As direções multifocalizadas para analisar a fotografia prendem-se em discursividades anteriores na produção de seus sentidos. Dessa forma, a memória discursiva ativa efeitos de sentido para que o não-verbal seja significado enquanto discurso, onde o não-verbal integra a memória discursiva, mostrando a historicidade do sentido.

Percebemos através do *efeito metafórico* produzido na fotografia de Francisca de Paula de Jesus Isabel o sentido de sua figura mística. A família parafrástica explicita a posição discursiva religiosa materializada nesta. Formulações unem-se a outras formulações. O *efeito metafórico* aponta para a identificação de Nhá Chica com a

religiosidade, sua identificação com o sagrado através dos objetos que relacionam sentidos.

Considerações Finais

Interpretar a fotografia é um mister difuso, um desafio, interpretar o não-verbal sem correr o risco de não praticar a teoria e o método discursivo em que as imagens – ou o não-verbal, em geral – têm seu dispositivo analítico próprio de interpretação. Nesse caso é um desafio quanto ao método também uma vez que falamos de um lugar assumidamente marcado.

Em nosso material de análise, percebemos a marca da figura de Nhá Chica, pois o discurso não-verbal, a fotografia de Nhá Chica, não é somente um documento, a fotografia de Nhá Chica é discurso.

A fotografia da beata demonstra a ação do tempo. O passado. Ao mesmo tempo engendra a força da crença que se perpetua na modernidade.

Uma fotografia antiga, que na modernidade ressoa a religiosidade em busca de uma aceitação oficial: a canonização. A fotografia da beata já é um cânone para os devotos de Nhá Chica. A fotografia de Nhá Chica funciona como um possível suporte da fé.

A fotografia de Nhá Chica não se caracteriza pela presença de elementos comuns ao universo santificado. Não vemos céu, nem presenças bestificadas como acontece em fotografias retratadas acerca dos santos, mesmo os do povo. Nem lança, nem braços abertos ou muito menos se distanciando do imaginário medieval.

A fotografia irrompe como um acontecimento do significante entre o gesto fotográfico e o gesto interpretativo. Os detalhes de uma fotografia dizem respeito a um recorte da realidade do sujeito, abrindo espaço para a contradição, já que retrata a religiosidade e a realidade e não a reduzindo a um instantâneo do fotógrafo que fugiria ao olhar do fotógrafo.

Os sentidos na figura fotográfica de Nhá Chica deslocam-se como resultado de uma relação parafrástica no *jogo da metáfora*, não como figura de linguagem, ou marca de estilo poético, como se pensa na literatura, mas como Michel Pêcheux, em *Semântica e Discurso* (1988), a concebe a partir de Lacan: uma palavra por outra. Pois, para Pêcheux, o sentido da palavra não está ligado a sua literalidade, uma vez que este se

estabelece em relações de metáfora que acontecem no interior das formações discursivas em sua transitoriedade histórica.

Em nosso caso, uma imagem por outra em seus sentidos embebidos em religiosidade: a beata Nhá Chica está pela imagem de Nossa Senhora da Conceição. Metáfora cujos sinais se entrevê na forma como ela mostra-se na fotografia, com seus rastros simbólicos no discurso religioso, o gesto de votos de pobreza posto ao corpo sob a forma de simplicidade.

A partir da análise da fotografia, podemos apreender a força do discurso da fé encarnada que envolve Nhá Chica. O não-verbal desliza com seus sentidos e se liga na rede do funcionamento da memória discursiva já que é através desta que dizeres sobre Nhá Chica fazem sentido.

Através do não-verbal podemos perceber que há na fotografia a resistência, a subjetivação e a identificação da beata apontando para um modo de produção do seu discurso fotográfico, em que se figura um sujeito historicamente constituído. Nhá Chica resistiu porque foi afetada constitutivamente por outros sentidos. Sua resistência possibilitou o movimento de sua identidade configurar-se como algo que entrou para a história de Minas Gerais.

Referências Bibliográficas

- GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). 1990. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da Unicamp.
- LAGAZZI, S. 1988. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes.
- MONAT, H. 1894. *Caxambu*. Rio de Janeiro: Oficinas da Casa da Moeda.
- NICOLIELLO, M. C. NICOLIELLO, M. J. CADORIN, Ir. C. 2004. *Nhá Chica – A Pérola de Baependi*. Belo Horizonte: O Lutador.
- ORLANDI, E. 1995. *Efeitos do verbal sobre o não verbal*. Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade). Nº1. Campinas: Editora da Unicamp.
- ORLANDI, E. 2007. *As formas de silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. 2008. *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. 2007. *Papel da memória*. In: *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes.
- SAHLINS, M. 1987. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SOUZA, T. 2001. *A análise do não – verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação*. In: Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp), nº 7. NUDECRI – Campinas, SP: Unicamp.

ZANDWAIS, A. ROMÃO, L. 2010. *Leituras do Político*. (no prelo).

Data de Recebimento: 31/03/11

Data de Aprovação: 08/06/11

Para citar essa obra:

BRASIL, Luciana Leão. Deslizamento de sentidos por efeito metafórico: o discurso de uma fotografia. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>